

O suposto crime do "Orfeu,"

UMA ENTREVISTA

O caso é já do domínio público, longos dias transitou ruidosamente nos noticiários.

No que houve divergência, e grande, foi na classificação do delito—se delito houve, como querem alguns, na perpetração voluntária, e talvez intencional, dessas oitenta páginas de exquisito texto alarmante.

Brincadeira de mau gosto lhe chamou o ilustrado analfabetismo da nossa Academia. Quanto á crítica das gazetas, essa, chamou para o *Orfeu* ou a jurisprudência policial do juízo de investigação, ou a jurisprudência clínica do sr. Julio de Matos.

Quem tem, afinal razão? O sr. João Gualdino, que sorri benévola e diante dos versos alvoroçadores do sr. Sá Carneiro, ou a sisudez profissional dos entendidos, que pedem para o sr. Fernando Pessoa uma camisa de forças?

Vejamos: nós não lêmos o *Orfeu*, e, já agora, também não vale a pena comprar. Preferimos ouvir, de viva voz, um dos futuristas—e, precisamente, aqui temos abandonando na Brasileira o sr. Almada Negreiros.

—Diabo, mas eu sou um dos...

—... cúmplices?...

Ele sorri de longo, e, negligentemente, poz-se a rabiscar num papel, com o seu lapis grosso de caricaturista.

—Pois, como lhe ia dizendo, eu não co-

renamente, uns olhos tranquilos, que, na conjuntura, quasi me pareceram heroicos.

—Confessa, então...

—Gostei, palavra d'honra. Ha ali pá-



ginas de *blague* e trechos sinceros. Em todas elas, entretanto, faísca talento por vezes, mesmo genio!

Com a mesma negligencia vai rabiscando



2

4

nhecia dos textos do *Orfeu* senão a parte que me pertencia. Só quando a revista veio para as livrarias é que li as produções do Pessoa, do Guisado, do Sá Carneiro...

—E... que tal?

—Gostei imenso!

E Almada Negreiros poisava em mim, se-



no papel, onde, a pouco e pouco, do lapis despreocupado, nascem curvas que se ligam e parecem tomar uma forma, a princípio vaga, depois quasi perceptivel.

Almada Negreiros desenha. O trabalho do lapis não o impede, porém, de dizer da sua justiça no celebrado caso do *Orfeu*.

—A crítica—diz—foi inepta. De facto não nos disse nada que valesse uma opinião. Transcreveu-nos e mandou-nos para Rilhafoles. Banal, não acha? Taine...

Suspende-se, a olhar-nos de novo, com os seus olhos estridentes, quasi sensacionais. E repete, familiarmente: «Taine...»

Fala de lento, um pouco para nós, um pouco para a publicidade, na certeza de que as suas palavras irão correr mundo nas colunas d'*O Jornal*.

—... Taine disse um dia que gostaria de ter tempo para lêr os livros que criticára... Taine prestara-nos um mau serviço, divulgando o segredo de fazer crítica...

Levantou-se.

—Vou-me—diz—Deixo-lhe isto. Quer?

E entregou-me as duas figuras que aqui reproduzimos.

Delas, cortamos apenas as legendas, que podiam parecer uma reincidencia no pseudo delito...

"O Jornal"

13 abril 1915

